

SOCIEDADES COOPERATIVAS (*)

(Dialogos com uma criança)



APÁ—dizia o pequeno Antonio a seu pai—, distribuiram hoje na escola este livrinho, que tem por titulo—*Bibliotheca do Povo e das Escolas—Sociedades Cooperativas*—: gostei da dadiva; mas não sei o que isto quer dizer; faça favor, explique.

—Olha, sociedade quer dizer —reunião de pessoas—; cooperar é trabalhar para o mesmo fim, ter sobre um ou sobre muitos negocios os mesmos interesses.

—Não percebo ainda bem; e, como quando na grammatica eu não entendo uma definição, m'a tornam clara por um exemplo, desejava tambem agora um exemplosinho.

—Pois vá lá; escuta:

Vês tu aquella loja defronte? O dono da loja é um, os freguezes são muitos; se o dono da loja vende caro, torna-se rico; mas os freguezes tornam-se pobres ou pelo menos são prejudicados; os freguezes, porém, podiam entender-se uns com os outros e formarem por sua conta uma loja, onde fossem fornecer-se, distribuindo-se depois entre si as perdas ou os lucros. Se o fizessem, essa sociedade chamar-se-hia uma cooperativa de consummo.

—Distribuir os lucros, gosto; mas no meu livro de leitura ha lá um adagio que diz—perder não faz bom cabello.

—Não faz, não; mas, quando um dono da loja perde, a pèrda póde reduzil-o á miseria, porque recahe só sobre um ou sobre poucos; quando é uma sociedade que perde, o mal não é tão grande, porque se divide proporcionalmente por muitos.

—E ha muitas sociedades d'essas?

—Ha, principalmente na Inglaterra. Olha; uma—*a Sociedade dos justos trabalhadores de Rochdale*— tem uma historia que parece um conto.

—De fadas? —perguntou vivamente o pequeno.

—De fadas não, porque não ha palacios encantados, nem varinhas de condão; mas muita fé n'uma idéa, muita persistencia em a realisar; o fulgor doirado da riqueza a premiar e a illuminar os esforços do trabalho.

—Pois mesmo assim conte; vá lá; era uma vez...

—Eram uma vez 28 operarios que se combinaram para não trabalhar em quanto o dono da fabrica lhe não dêsse maior salario; o dono da fabrica, porém, não cedeu; e os pobres dos fabricantes cahiram n'um desalento profundo. Um, mais animoso e mais instruido, disse aos outros: Se nós podessemos comprar mais baratos do que

(*) Excerpto d'um livro popular em elaboração, tendo por objecto historia, religião, instituições politicas e sociaes.

agora os objectos de que precisamos, dava o mesmo resultado que se tivéssemos adquirido o que queríamos.

— Isso é verdade, accrescentou outro; mas como conseguil-o?

— Muito facilmente, respondeu o primeiro, é formar uma loja de commercio onde nos vamos fornecer, e os lucros que haviam de ficar para o merceiro ficarão para nós; e comeremos pão sem mistura de gesso, beberemos vinho sem pau de campeche, o assucar não terá farinha, o café não será de tremoços, etc.

— Sim, snr.; sim snr., accudiu um dos do grupo, batendo com uma das mãos nos nós dos dedos da outra; muito bem; mas dinheiro para começar? No começo do sacco é que está o atilho.

— O dinheiro, replicou o que fizera a proposta, o dinheiro não cahe do céu; ganhasse e poupa-se; é voltar para o trabalho e tirarmos todas as semanas um pataco das ferias, e caixa economica com elle.

— Pois está dito, disseram todos; é um copo de cerveja de menos em cada semana. Hurrah pela nossa abstinencia e pela nossa associação.

No fim do anno tinham 28 libras, e com ellas abriram uma loja n'um becco chamado do sapo; todos os sabbados á noite, quando a loja se abria, os garotos d'aquella terra, por encomenda dos commerciantes, que diziam que a loja era de cá-ca-rá-cá, faziam assuada aos donos e aos freguezes e gritavam — Lá vem os sapos!

— Não havia policia n'essa terra, papá?

— Havia, mas os policias são poucos e os garotos muitos. O que é certo é que d'ahi a dez annos os socios eram 900 e possuíam já 7:172 libras; d'ahi a outros dez annos eram 4:747 e possuíam 192:814 libras; d'ahi a outros dez, em 1880, aqui ha cinco annos, eram 10:613 e possuíam 292:570 libras.

— E o que fazem a tanto dinheiro?

— Eu te digo. — Téem um armazem central onde se vendem comestiveis, fato, calçado, moveis, carvão, livros, etc.; mais 16 succursaes espalhadas pelo paiz onde se vendem as mesmas coisas; téem officinas em que trabalham por conta da associação, sapateiros e alfaiates; téem um moinho, padarias, estabulos, talhos; são interessados em duas fabricas de tecidos; possuem terras de cultura, téem construido muitas casas para habitação dos socios; e, não se esquecendo das necessidades do espirito, instituiram lyceus, escólas e bibliothecas, onde se instruem os operarios e os seus filhos; chega-lhe ainda o dinheiro para actos de beneficencia, e de quando em quando fazem por sua conta melhoramentos na sua terra, abrindo e alargando ruas, explorando agoas e levantando fontes.

O rapazinho ouvia, ria e batia as palmas de contente.

— E ainda lhe chamam sapos? perguntou elle com o orgulho com que o faria um dos 28 de Rochdale.

— Oh, não, respondeu o pai; agora, quando os representantes da sociedade de Rochdale apparecem nos congressos, que se reúnem de annos a annos, nas diversas cidades do mundo, para tratarem dos interesses dos trabalhadores, a assembleia levanta-se em signal de respeito e acolhe-os com salvas de palmas, que demonstram o enthusiasmo que inspira ao mundo aquella obra gigante construida por pequenos, alumiados pela fé viva que tinham n'uma idéa conhecida e realisada por uma vontade inquebrantavel, tenaz e paciente. Hoje a historia d'elles é uma lição.